

NOTÍCIAS DE GUIMARÁIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO — Administrador—PEDRO NUNES DE FREITAS

Justiça à memória dos mártires da Grande Guerra

A História fornece-nos exemplos frisantíssimos, em todas as épocas e em todos os tempos, de que a tibieza enfraquece o poder de quem governa, comanda ou dirige. Isto, porém, não quer dizer que, para não ser tibio, se entre no caminho da violência, embora esta, em muitos casos, se justifique, para que a autoridade de quem governa, comanda ou dirige, não sofra abalo ou desrespeito e, antes, conserve intacto o seu prestígio. Conseqüentemente, nem a tibieza, nem a violência, são de aconselhar aquêles que governam, comandam ou dirigem. No meio termo é que está a virtude, dizem; esta solução, por intermédio, é aceite pelos homens de bom senso, de alma limpa e sã consciência.

Este introito, que parece ter um fim solícito, não o tem, como se verá. Era, porém, necessário preambular assim, para então entrarmos, abertamente, no assunto a versar. Vamos a êle, com a serenidade que o caso exige e a consciência demanda, e mais: com o dever que nos é imposto pela solidariedade para com a memória dos nossos camaradas que morreram por haver tomado parte na Grande Guerra.

E' ponto assente que Guimarães deseja ver levantado o monumento dos mortos da Grande Guerra, assim como deseja a realização das festas da cidade, que o ano passado não se fizeram. A Câmara, vendo que a iniciativa particular não resolveva nenhum dos problemas, sobretudo o primeiro, que vai para 17 anos de idade, e já não é criança, resolveu enfrentá-los ambos e, como não tinha dinheiro disponível, tratou de o arranjar, lançando uma sobretaxa de \$30 em cada quilo de carne, somente durante um ano. Há mais de três anos que andamos — quasi sós, é conveniente accentuá-lo — nesta luta incessante pela glorificação dos filhos de Guimarães que a guerra lhe arrebatou, sem que outras Câmaras nos atendessem, havendo, ou melhor, tendo havido uma que respondeu um não a uma comissão da Liga dos C. da G. G. que solicitou o seu auxílio, segundo lêmos. Os nossos leitores, dois procedimentos diversos, antagónicos e opostos, de duas entidades, com a mesma função, sobre o mesmo assunto! Qual aprovam? Quem é que andou bem? Quem é que andou mal? Quem é que, civicamente, procurou levantar Guimarães ao nível a que tem jús? Quem é que descurou e protelou essa dívida sagrada da homenagem, justa e devida, aos filhos de Guimarães? A Câmara actual, em nosso entender — e isso só a honra, enaltece e dignifica — foi além do que nós previamos, votando o subsídio de 30 contos para o monumento. A Câmara podia limitar-se a um subsídio pecuniário menor, a cedência do terreno, dispensas de licenças camarárias, cedência de matérias primas, etc., e já teria cumprido o seu dever. Foi, porém, mais além — honra lho seja — certamente, porque deseja ver o assunto arrumado de vez, o que já não é sem tempo. E ela, que procedeu assim, deve ter razões que justifiquem o seu honroso e benéfico procedimento; é composta de vimaranenses, crêmos, e crêmos também, não há razão, nem motivo, para duvidar das suas intenções, como da sua honorabilidade. O dever de todos os vimaranenses — em nosso entender, é claro — é dar-lhe o apoio moral de que ela necessita, o auxílio pecuniário que ela precisa e o sossêgo de que ela carece, para levar até ao fim a construção do monumento dos mortos da Grande Guerra. Não desgostemos embora ao de leve, êsses homens, vimaranenses de raça, que procuram resolver o problema do monumento, dívida sacrossanta que só êles — que não outros, embora vimaranenses, também — enfrentaram a sério honrando a memória dos nossos irmãos, enobrecendo a terra que nos foi berço e enatecendo a Pátria que D. Afonso Henriques criou e dilatou.

Não somos comerciantes, porque outra é a nossa profissão, mas sempre supomos que a sobretaxa da carne viria a incidir no público; era natural, naturalíssimo, mesmo. Exigir esse sacrificio somente aos marchantes — que não a outras classes — não era justo nem humano. Surgiu, pois, o seu protesto, reclamação ou queixa — como preferirem — e predominou o bom senso, porque a Câmara, dentro do limite razoável, atendeu-os, fazendo-lhes a mercadoria justa, como justiça pretende fazer aos mortos da Grande Guerra.

E' de presumir que o público atendendo ao assunto de que se trata, receba o sacrificio de boa mente; mas, também, é de esperar que pense em protestar, não tendo em nenhuma atenção a memória dos seus irmãos que na guerra morreram. A êsses poderá a Câmara responder: — «o sacrificio de pagar a sobretaxa da carne durante um ano ou, mesmo, de alguém se privar deêsse alimento, uma vez por outro, em relação ao sacrificio máximo dos filhos de Guimarães — vossos irmãos — que deram a vida pela Pátria, nos campos de batalha, não sofre comparação possível não é absolutamente nada; é o que, algébricamente, se chama zero».

Os pobres mártires pagaram o seu tributo de sangue — em género — dando a vida; não é de mais que os plutócratas paguem, agora, o seu tributo em dinheiro e os restantes, até, na abstinência dum alimento que, até, em certos casos não é de aconselhar e, antes, proibido. Mas há mais e... pior. Se não se encontrasse uma plataforma, com honra para ambas as partes, como é de uso dizer-se, e se houvesse maneira de forçar os marchantes ao cumprimento intrínseco da deliberação da Câmara, obrigando-os ao pagamento da sobretaxa, sem gravame para o público, ficamos nisto: *só a classe dos marchantes é que contribue para o monumento e para as festas!* Não será isto?

Conseqüentemente, o comércio, a indústria (excepto os marchantes, é claro) como o povo, em geral, não contribue com um centavo! Isto não era justo. Brada aos céus? Confrange os corações mais empedrenidos! As almas dos pobres mártires, nimbadas pelo êter dos céus, não desejariam semelhante sacrificio, por demasiado e provindo duma só classe, visto que as outras as desprezam.

Lisboa, Fevereiro de 1935.

MANUEL DE GUIMARÁIS.

CARTÃO DO BRAZIL

Meu Caro Confrade A. Dias de Castro. Chegou-me, às dilatadas ausências do exílio, onde vivo de braço dado com a nostalgia, a notícia que, por sua iniciativa, se criou nessa cidade, de legendárias tradições de glória, o "Bloco Jornalístico". Isto trouxe-me à mente o que Julie Claritie disse na Academia Francesa — o poeta, é o clarim do exército, o homem de ciência, o guia, e o jornalista, soldado. Por mim, lhe digo que não vejo nada mais belo que a profissão de jornalista, quando exercida honestamente. Mas nada mais indigno e revoltante quando ela se almeja ao cinismo das paixões, quando a almejação é elevada a apoteose ou censura levada ao vitupério.

O jornalista condensa por vezes, em poucas linhas, o juízo da consciência pública. O próprio perigo torna-se praser, nesta profissão em que se podem combater tantas injustiças, reparar e combater êrros, revelar futuras celebridades. O homem de ciência e da arte deve-lhe uma parte da sua glória. O homem de Estado, mais que nenhum outro, precisa dela, para firmar e solidificar a sua autoridade pública. Os governos não a podem dispensar:—

têm nela o seu apoio. Ela é a grande alavanca de que a ciência se serve para a difusão das suas verdades e dos seus dogmas de luz; é a metalhadora que abre o caminho à perfectibilidade humana, o porta-estandarte da civilização, missionária da instrução popular e guia dos povos na senda de virtude e de tudo quanto de sublime cumpre à humanidade desempenhar. Ela é como a nívm de Moisés; esta guia- ra o povo hebreu, através a aridez do deserto a terra fecunda de Canaan, a imprensa conduz os povos através dos desertos da ignorância à terra feliz e ditosa da compreensão dos deveres, à terra da promessa da ciência, onde se encontra a ventura da civilização, onde a justiça tem altares improprianáveis, onde a equidade impera.

A imprensa é a locomotiva do pensamento comunicando os povos, divulgando ideias, consolidando os sistemas e fraternizando os corações. O critério esclarecido, a consciência recta, a independência digna, a moral pura, são os baluartes em que ela deve assentar.

Há quem vilipendia? São os mercenários ignaros, que por

Esquema semanal

CONFLITO ITALO-ETIOPE

Como já havíamos afirmado nesta secção, a Itália, apesar da boa vontade da S. D. N., não levou a bem a queixa da Etiópia. Sim e outra vez sim, e vêmo-la agora a mobilizar contra aquele estado africano, num arreganho de quem usa da força para impôr a sua vontade, certa de que as suas balas serão mais concludentes do que a eficácia do purgativo óleo de ricino.

A Paz, pouco importa! A satisfação das suas aspirações e o temor de que além Mediterrâneo lhe surja uma nova Cartago, eis o problema a resolver, ainda que para isso sejam postergados os mais lidimos direitos. E' bem certo: «dos fracos não reza a História».

NO REINO... DO CÉU

Há para aí pessoas que dizem mal da Alemanha hitleriana, sem se lembrarem de que ali, na Europa Central, com a política nazista, surgiu como por encanto um novo paraíso terrenal.

Tudo vive em doce promiscuidade, «abraçadinhos assim, assim», fazendo negaças ao mundo culto que anda apostado em diminuir a obra do onjandante Filther, levantando lóas e forjando as mais disparatadas mentiras, num propósito e intenção muito para desconfiar. E senão, vejam: dizia-se que os inimigos do Nazismo costumavam ser esterilizados, para exemplo. E ao constatar a verdade, o inquérito a estas condenações vem-nos dizer, que, no ano findo, só foram esterilizados duzentas mil pessoas! Para tirar ilacções, basta e sobeja.

O COMÉRCIO EM PORTUGAL

Consubstanciando nas importações e nas exportações o comércio externo de Portugal, podemos ajulsar, — di-lo o «Comércio do Porto» —, à face de dados oficiais, do movimento dêsses dois ramos de economia, no ano de 1934. E assim,

Import. contos	Export. contos	Desequil. contos
1934 — 2.123.507	825.704	1:297.803
1933 — 2.277.204	797.125	1:480.079

se êstes números não são demasiadamente significativos e a deminuição não se pode alcinhar de considerável, revelam contudo um desenvolvimento da produção nacional, desenvolvimento que ainda está muito longe do desejado equilíbrio.

NO CHACO

A guerra do Chaco nunca mais acaba. Ofensiva de cá e contra-ofensiva de lá, metralha e vidas consumidas num sacrificio que não vale, agita-se o mundo em canserosa expectativa, atônito e admirado, farto das promessas que o coração lhe dita: — «o primeiro e o mais imperioso de todos os deveres de justiça é o que nos manda respeitar a vida de outrem».

PACTOS

Nos tempos que decorrem, as chancelarias puseram em voga os chamados «pactos».

Pacto contra a guerra, pacto contra a crise económica, pacto de aliança, é um nunca mais parar em sua classificação, escreve tu que assino eu, assinas tu que eu escrevo, primeiro, segundo, etc., em linguagem tão sintética que dificilmente se lhe descobre a veia, ao mesmo tempo que se contem as horas, os minutos e os segundos que tal e tal esquadriha de aviões poderão gastar neste e naquele percurso — o mais rápido possível para bombardear a cidade A ou B. Aplaudem-se a acção dos ministros Fulano e Beltrano, elogia-se o seu fino tacto político, para no fim, e ao cabo, logo e imediatamente se pensar no contrário do estabelecido nos moderníssimos «pactos».

Ele sempre há cada ingenuidade!

L.B.F.C.E.

conhecerem as letras vogais, se julgam com o estofo de jornalistas, como muitos idiotas que por aqui pululam, dando-nos um ripaço de asneiras que pedem palmatória.

A imprensa quer vocações. Ora quem de facto é jornalista sabe modelar o espírito social, guiá-lo e educá-lo. Além disso, o jornalista precisa de uma variedade de conhecimentos. Mas a santa ignorância, má dos felizes, não os deixa ver estas coisas.

A vaidade é a sua companheira; o ridículo, o seu túmulo. O jornal, hoje, é uma necessidade da civilização, o indispensável alento que a fome do pensamento exige com uma avides insaciável, como o indica na sofredão com que todos buscam o jornal. E' porisso que en louvo e aplaudo a ideia do meu confrade nas letras.

Albino Bastos.

MIMI

Tem três palmas Mimi!... Como é encantadora!... A's vezes toma um ar ativo de senhora, Cheio de gravidade... Remira-se ao espelho e, vendo a sua carinha, Não se pode conter e dá uma risadinha De fina hilariedade...

Tem nos olhos um céu e na cabeça um sol, E a sua voz que lembra a voz dum roussinol Tem doces inflexões Que nos prendem a bôca à sua fresca bôca... Quem quiser ver Mimi numa alegria louca E' dar-lhe beliscões...

Outro dia passou por mim na avenida E ao ver-me junto a si, parou comprometida, (la p'la mão da avó...) E disse-me a sorrir, puxando-me de lado: — «Tu sabes que arranjei, agora, um namorado?!...» «E' o meu gato tótó!...

Mimi há muito tem um mimo, uma bonéca, E uma pretinha linda, a sua ama-sêca, Que o bercinho balança... Mimi, pé ante pé, manhá cedo a visita, Se a cuida ouvir chorar logo à pretinha grita: — «O' ama, olha a criança!...»

Nós temos muito medo, ai! temos muito medo, (Mas que ninguém nos ouça, agora isto é segredo.) Que Deus-Nosso-Senhor, Porque a queremos tanto, Ele também a queira, Leve a Mimi pra o Céu, p'r ter à sua beira, Matando-nos de dor!

Fevereiro de 1935.

Delfim de Guimarães.

COISAS & LOISAS

MAIS UMA FREGUESIA A QUEIXAR-SE

Há dias, fui a S. João de Airão, uma das freguesias do concelho de Guimarães, passeio que me proporcionou um amigo, amigo sempre amável e dedicado, e que actualmente desempenha um cargo oficial. Uma vez na freguesia acima referida, ouvi do reverendo Pároco, o sr. Padre Magro, que por sinal me pareceu boa pessoa e preocupado unicamente com os deveres da sua profissão e com o bem estar dos seus paroquianos. Aquele senhor principiou por dizer que a freguesia de S. João de Airão tem sido esquecida por completo, pois que ainda hoje se encontra sem uma escola, sem caminhos e sem uma fonte. Que junto daquele bem povo ainda não chegam nenhum benefício daqueles que têm sido prestados a outras freguesias, não obstante a população da mesma os ter reclamado por intermédio das suas autoridades locais. Quanto a instrução, é um verdadeiro pavor a percentagem dos analfabetos, havendo, apenas, uma meia dúzia de pessoas que sabem ler e escrever. Este mal deve ser atenuado com a criação de um Posto de ensino, o que, segundo me consta, já foi solicitado pelo digno vereador da instrução, o mesmo acontecendo quanto a outras freguesias, de entre as quais Figueiredo, Vermil, S. Salvador do Souto, etc. Como sobre êste assunto tenciono falar mais detalhadamente, em ocasião oportuna, limito-me, por agora, a chamar a esclarecida atenção da C. A. do Município para as necessidades mais urgentes da freguesia de S. João de Airão, visto ser de tôda a justiça que elas sejam satisfeitas dentro das possibilidades financeiras do mesmo Município. Como do próprio pouco se pode repartir, não será difícil atender, pelo menos em parte, os interessados. A lembrança aqui fica.

AINDA O CASTELO

Para desfazer mal entendidos ou acabar com interpretações que não estão dentro da verdade e que contrariam o que eu disse no último eco «A história de um Castelo», prontifico-me a fazer mais um esclarecimento: como disse, o sr. António de Azevedo fez um projecto adaptado à máxima economia, mas que não deixava de satisfazer, como já afirmou. Poste de parte tal projecto, pelos motivos anteriormente mencionados, ficou em vigor um outro, elaborado pela Repartição de Obras da Câmara, onde trabalham pessoas de reconhecida competência. E' indispensável dizer que dêste projecto consta a demolição completa da casa onde está a sapataria «Portugal», — aquela gaiola grileira a que me tenho referido — e, bem assim, uma parte da casa que fica do lado oposto. O sr. António Azevedo não con-

trariou êste projecto, salientando, sômente, a circunstância de ficar mais caro. Porém, o arranjo do castelo principiou, mas o que é certo é que não havia a intenção de demolir a casa que dá para a rua da República, cuja demolição só agora se reconheceu imprescindível, depois de posta de parte a infeliz lembrança de desfazer o que está feito para puxar o castelo mais à frente. Verifica-se, pois, que a declaração de guerra foi feita à casa em referência e não ao projecto que a condenava. Aqui fica êste esclarecimento, feito voluntariamente, não me cabendo, portanto, a responsabilidade que pesa sobre aquelas pessoas que só sabem compreender o contrário daquilo que se diz ou que se escreve. E para terminar: O que está feito, sem mais nada, não obedece a projecto nenhum, motivo por que não agrada a ninguém, outro tanto não sucedendo se, pelo menos, desaparecer a casa que mais prejudica o tão discutido castelo, que tem sido ingrato para os autores da sua descoberta.

BOAS NOTÍCIAS

Sei que dentro em breve desaparecerá da rua 31 de Janeiro o casebre das escadas de pau, assunto que está a ser tratado pela C. A. do Município, podendo mesmo dizer que já está definitivamente resolvido. E' um melhoramento que muito beneficia a dita rua, porque, sendo uma das principais da cidade, tinha aquele ninho a prejudicar a sua beleza.

Também sei que há entendimentos no sentido de desaparecer de junto da Filial do B. N. Ultramarino uma espécie de lura que lá existe desde há bastantes anos e que já serviu de depósito de sardinhas. Se assim for, o sr. Vinagreiro e todos aqueles que contribuírem para êste fim darão um impulso à civilização de Guimarães.

Esperemos e veremos.

PONTE DE CERVES

A Imprensa tem se ocupado da Ponte de Cerves, cuja reparação é absolutamente necessária para evitar contrariedades de grande vulto. Não é o meu triste pio que irá despertar em quem de direito mais ou menos vontade de tratar do assunto. No entanto, não quero deixar de apoiar aqueles que ao caso têm dedicado tôda a sua atenção, pedindo que não se deixe continuar abandonada a citada ponte, digna de mais cuidados e de mais protecção.

MAIS UMA UTILIDADE DO TELEFONO

A título de curiosidade e para que o caso não se repita, registo o seguinte fac-

Pecúlio para acrescidas reportagens

III

AINDA AS QUADRILHAS

Nunca costumamos pedir licença para bem informar o público nem nos seduz o desejo de pôr o «camaroeiro» ao alto para bem espalhar um boato ou para criar figuras de fantasia. Dentro da missão que voluntariamente abraçamos, tivemos sempre por norma medir com conta e péso as frases que vamos deixando nas laudas de papel. E, fazendo-o, temos sempre na mente as acrescidas reportagens dos jornalistas de nomeada e que não consta tivessem tido necessidade de desempenhar o papel de delatores ou sequer fôsem encomodados para forçadamente fazerem quaisquer declarações, desde que se trate de assuntos meramente policiais. Recordámo-lo, e não nos esqueceu a reportagem de Reinaldo Ferreira sobre o crime de Augusto Gomes a sua descoberta do legionário João Escobeiro, o do Cabo Moreno, o crime de Sangalhos, e tantos outros de que a polícia se serviu com pistas admiráveis. Positivamente: o jornalismo é um franco atrador que tem nobreza pela sua profissão e não precisa de mascarar com *camouflages* apropriadas o sentido que imprime às suas palavras. Perscruta, indaga, toma conhecimento dos factos, transmite-os à letra de forma, mas usa do dever sagrado de não denunciar o que os seus olhos viram, reservando-se ao direito de ser discreto e comedido.

Quando aqui se disse que os bandidos apareciam nos quatro limites citadinos, nunca pretendemos criar um folhetim policial, mas sim revelar um facto que é verdadeiro e que tem trazido de sobresalto a população vimeirense. Saber quais os meliantes? Não somos nós que temos a *benesse* pública e dela aufferimos proventos para o revelar. Não somos nós, dizemos, mas fazendo o alarme e dando a indicação de que a cidade está à mercê da vagabundagem que por aí campeia e que é do domínio público, não mentimos, não lançamos boatos e nem tampouco poderá haver alguém que nos force a desvendar o mistério. Basta que se diga: foi assaltada a Quinta da Herdade (Rôla), em duas noites seguidas, ouvindo a freguesia de Urgezes — seis tiros; foi assaltado Miguel Ribeiro, ali, na rua de S. Dâmaso, por sete meliantes mascarados e de punhais em riste; foi roubado o pároco de Urgezes, quando estava no exercício da missa; foi roubada a capela de Santa Ana, situada no monte de Alijó, da freguesia de Infias; foi assaltado o quintal do sr. Dr. António Jesus Gonçalves; foi abordado o oficial de diligências desta comarca, sr. Pereira Mendes; foram «bifados» Esc. 50500 a dois párocos que subiram a calçada de S. Lourenço de Selho; roubados os Esc. 25500 a um alfaiate desta cidade; foram forçadas portas na rua de Egas Monis e no Terreiro de S. Francisco; anda a população da freguesia de S. Pedro de Azurei verdadeiramente alarmada com as proezas dos meliantes; e queixam-se inúmeras pessoas das ameaças a que são sujeitas, para se provar à evidência de que não lançamos no ar estas ou quaisquer outras insinuações.

REPORTER L.

N. A. — Em última hora sômos informados de que na ridente Vila de Fafe foram praticados roubos na pessoa de indivíduos que se encontravam no edificio da Administração do Concelho.

Dizem-nos mais que o pároco de Arões, membro da C. A. daquela Vila, também foi roubado, dando por falta do relógio, corrente e carteira.

Os gatunos foram perseguidos e afirma-se que alguns deles tomaram a direcção de Braga.

Nesta cidade, na noite de ante-ontem para ontem, também foi tentado um assalto à Associação Fúnebre, defendendo-se o contínuo a tiro.

Verifica-se, pois, que não são destituídas de fundamento as recomendações que vimos fazendo em presença dos factos que vimos relatando.

Diz-se que a voz do povo é a voz de Deus, e mal andaríamos nós se não fôsemos o eco desse clamor que se ergue, muito embora as queixas não surjam.

AINDA A PROPOSITO
do concurso do médico do hospital

Depois de esclarecida a forma como decorreu o concurso para provimento das duas vagas de médicos efectivos da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, cumpridos, conforme prometemos no nosso penúltimo número, elucidar os nossos prezados leitores, de certos promenores ocorridos.

Está no bom senso de toda a gente que queira vêr as coisas tais quais elas são, que um concurso se abre para todos os interessados e nunca para legislar situações interinas, como neste caso se fez.

Nos principais centros de cavaco, comentou-se, e com justificada razão, a atitude assumida, pois que tendo apenas em vista a parcialidade, não está conforme com as determinações da lei, forjando incompatibilidades que não existem, sabido que outras terras onde há médicos es-

to occorrido, em 10 do corrente, no Café Oriental.

Eram 22 horas menos 8 minutos quando certo cavalheiro fez tiltar a campainha do telefone, estando em conversa permanente até às 22 horas e 27 minutos, privando outros indivíduos de se utilizarem do referido aparelho. O caso principiou a ser comentado — e com justa razão — porque não se admite que em tempo de paz estivesse mobilizado o dito aparelho, simplesmente porque duas *voezinhas* da mesma família queriam saber notícias uma da outra. Eufim... utilidade do telefone, se bem que, para tal fim, não seja indicado o serviço telefónico de um Café. É mais seria o tempo tomado se um outro cavalheiro não tomasse a resolução de interromper o doce colóquio... Vá lá alguém dizer que não há progressos!...

ASSUNTOS DO DIA

Como assunto do dia, há a mencionar, apenas, a estrada da Corredoura, o novo factor da contribuição do comércio e indústria e a acção de uma quadrilha de gatunos em plena cidade.

PipL



PORTUGUESES DE LEI

O nome respeitável de Humberto da Cruz, não era meu ignorado. Das suas viagens aéreas tenho tomado partido e lição, mas esta última que todos conhecem, merece atenção especial, tam grandiosa ela foi, como patriótica. Humberto da Cruz, um novo que tem feito muito em benefício da sua Pátria, merece sem dúvida, não só o meu apoio mas o de todos que se honram de ser portugueses, porque bem longe tem ido levar o augusto nome de Portugal, que apesar de pequeno em extensão territorial, ensina muitos e muitos povos cuja extensão é, quasi que podemos dizer, ilimitada. Mas, Humberto da Cruz, não deve somente ser detentor da nossa admiração, pelo simples facto de ter ido a Timor. Humberto da Cruz, merece-a porque a realizou com pericia e astúcia. Humberto da Cruz não foi ao acaso; não quis ser um aventureiro e por isso estudou antes de partir, e preparou tudo de molde a não poder ser criticado, como aconteceu com um nosso aviador, que desejando dar a volta ao mundo, ao chegar a Bolama e não tendo o seu aparelho condições de descolagem, desistiu do prosseguimento da sua empresa. Humberto da Cruz foi com consciência, foi com conhecimentos porque os tinha, e quando os não possuía, indagava onde os poderia encontrar, e assim fez a sua viagem sem a mínima mancha que diminuisse o seu anterior prestígio, e sem que na Aviação Portuguesa deixasse algum sinal escuro que a maculasse. Mas, o facto da sua rara pericia ter sido o grande factor da sua viagem, será o bastante? Não haverá além da técnica profissional, outra coisa ainda de mais intenso valor? Há. E' o facto de ainda não ter ido às nossas colónias do Oriente, um avião português, quando muitos estrangeiros o já tem feito. E foi precisamente isto e o seu patriotismo sincero, que levou a realizar tal viagem, que depois da de Sacadura Cabral e Jago Coutinho em 1922, ficará na história da Aviação como um padrão de glória e na História de Portugal como um facto digno dela.

Levou bem longe Humberto da Cruz, a cruz de Cristo que os nossos navegadores à frente das naus impunham aos povos do Oriente. Levou-a Humberto da Cruz num avião. Levaram-na os nossos navegantes em naus, e nem por isso perdeu o seu valor, porque se era difícil outrora navegar, hoje e sempre será difficilmo voar, principalmente com a feição que lhe imprimiu Humberto da Cruz, assim como o abalizado primeiro sargento mecânico António Lobato. Foram quarenta e quatro mil quilómetros percorridos, quarenta e quatro mil oportunidades que Humberto da Cruz teve, para mostrar aos nossos irmãos de longe que Portugal ainda vive e agora mais do que nunca, jamais se esquecendo de que Timor é nossa e nossos são por conseguinte todos aqueles que lá habitam. Será cedo por enquanto, afirmar os efeitos desta tam grandiosa viagem. Será por agora inoportuno vaticinar. Mas o que é certo, é que esta viagem há-de ter as suas consequências, todas elas benéficas. Estou mesmo convencido que Humberto da Cruz, não ia a Timor somente para nos mostrar que sabia manejar um avião. Humberto da Cruz não tinha tanto trabalho, para somente gozar. Humberto da Cruz foi por assim dizer o intermediário de nobres aspirações, foi o fio de contacto ainda mais intimo, que trouxe a voz dos que, longe da sua Pátria, reclamam progresso. E por isso mesmo, daqui a algum tempo, Humberto da Cruz nos contará mais alguma coisa, do que viu e principalmente daquilo que há necessidade de se fazer, em prol das nossas colónias do Oriente. Momento grandioso será esse. E então, mais justamente e com mais calor, daremos valor à obra de Humberto da Cruz e António Lobato, então não considerados somente como aviadores e portugueses de lei, mas mais alguma coisa — como distintos *colonialistas*, que se hão-de impor aos olhos de todos aqueles que, despidos dos mais súbtis preconceitos, amam a sua Pátria e o progresso Nacional.

E, ao tenente Humberto da Cruz e António Lobato, o preito de gratidão de um apagado português, que vive e viverá sempre as horas alegres da sua Pátria.

Coimbra — Rua dos Grilos, 3.

DOMINGOS GOMES.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vimeirenses.

Jantar íntimo

Dr. Guilhermino Rodrigues

Um grupo de amigos deste nosso prezado assinante, antigo veterinário camarário e administrador, contador aposentado, chefe da Secretaria do Tribunal desta Comarca, retiraram-se em jantar íntimo, onde foram apresentadas as despedidas a S. Ex.ª, que em breve partirá para Lisboa.

Além do homenageado e seus filhos, assistiram ao jantar os seguintes senhores: dr. David de Oliveira, dr. António do Amaral, dr. Eduardo d'Almeida, Major Miguel Ferreira, Alberto Teixeira Carneiro, António Faria Martins, L. Coelho, José Roriz, João Garcia de Almeida Guimarães, Sebastião Aguiar, António Meireles e Luís Cândido Lopes.

Aos brindes foram proferidas palavras de sincera homenagem para o ex.º sr. dr. Guilhermino Rodrigues.

Diversas

NOTÍCIAS PESSOAIS

Jerónimo Sampaio

Fez ontem anos o nosso querido amigo e illustre redactor regionalista do *Comércio do Porto*, sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, vimeirense dum só fé que à sua terra tem prestado consideráveis serviços quer defendendo-a e amando-a nas suas crónicas cheias de bom humor e puro baírrismo, quer coadjuvando as mais simpáticas iniciativas.

O nosso jornal que com muita honra o conta no número dos seus illustres colaboradores apresenta-lhe sinceras felicitações.

Dr. Henrique de Oliveira e Sá

Na última segunda feira passou, também, o aniversário natalício deste professor distintissimo, que durante alguns anos ministrou o ensino secundário no primeiro estabelecimento de ensino de Guimarães e que nesta cidade conquistou, merecê das suas excelentes qualidades de carácter e inteligência, as maiores simpatias.

Tarde embora, apresentamos a s. ex.ª os nossos mais respeitosos cumprimentos.

Dr. Américo Durão

Tem estado doente o nosso bom amigo sr. Dr. Américo Durão, digno chefe da Secretaria da Câmara.

Dr. João de Almeida

Já se encontra restabelecido o distinto clínico sr. dr. João de Almeida.

Coronel Alcino Machado

Das suas propriedades de Paço, partiu para uma viagem de digressão através várias localidades do País, o nosso prezado leitor e simpático amigo sr. Coronel Alcino Machado.

Os nossos cumprimentos de despedida.

* * *

— Tem passado ligeiramente encomodado o nosso bom amigo sr. Carlos Teixeira Piuto.

FALECIMENTOS

Contando 70 anos de idade, faleceu, na sua residência à rua 31 de Janeiro, a sr.ª D. Maria do Carmo Rocha, irmã das sr.ªs D. Bernardina Rosa da Rocha e D. Josefa Emilia do Nascimento Leite, e tia dos srs. Padre José Ferreira Leite, digno Padre Mestre da V. O. T. de S. Domingos, Tomaz Rocha dos Santos, vice-consult em Verin, e dr. João Rocha dos Santos.

O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se ante-ontem na igreja de S. Domingos.

— Em Mogege, Famalicão, faleceu o sr. Augusto Ribeiro Pereira da Cunha, proprietário, e em S. Lourenço de Calvos, o octogenário sr. João Gomes. Pêsames.

De luto — Pelo falecimento de um seu irmão encontra-se de luto o sr. António Maria Leite Pacheco.

— Pelo falecimento de sua mãe e sogra, encontram-se de luto os srs. Alberto Ferreira Macedo e António de Castro Martins, habéis tipógrafos das oficinas do sr. António Luiz da Silva Dantas, onde é impresso o nosso jornal.

Por tal motivo, lhes apresentamos os nossos pêsames.

FOOT-BALL

No Campo do Benlhevi, desta cidade, jogaram no domingo último as reservas e o «team» de honra do «Vitória Sport Club» contra o «União Académico», de Braga, e o «Sport Club Moreira da Maia», campeão deste concelho.

Coube a vitória ao grupo vimeirense, tendo ganho as reservas por 3 e 1, e o grupo de honra por 2 e 0.

Hoje, desloca-se a Monção, para inauguração de um campo de jogos, o grupo de honra do «Vitória Sport Club».

Como já noticiamos, recebemos da «Associação de Foot-Ball de Braga» uma nota officiosa sobre a questão do Club local. Deixamos de dar-lhe publicidade, visto a mesma ter sido já publicada por outros nossos colegas e ser, por isso, do conhecimento público.

Fomos procurados por um desportista de Fafe que nos disse que tendo um jornal desportivo publicado uma entrevista com um director da A. F. de Braga, em que aquele sr. afirma que o Sporting Club de Fafe fez uma reclamação antes do seu jogo com o V. S. C., se encontra habilitado a declarar que tal reclamação foi feita, não pelo Club, mas sim por um seu director.

Na mesma entrevista dizia-se, comunicou-nos ainda o mesmo nosso informador, que Fafe afixou cartazes a pedido de Famalicão, anunciando que ali só iriam jogar 8 jogadores; e declarou ainda que não obstante ter sido feito esse pedido, o facto não foi divulgado nem por meio de quaisquer cartazes, nem verbalmente.

UMA MORAL E UMA IDEIA

Depois de 88 anos de vida, a Assembleia Vimeirense entrou nas vascas da agonia. A idade é já longa e a decrepitude atingiu o auge que avizinha a morte. Gerações sobre gerações alegraram as suas salas em momentos de feliz convívio. Quantos amores, quantas ilusões — naquele ambiente agora triste da solidão que envolve os salões — se geraram nas «soirées» esplendidamente concorridas e de gratas lembranças para os velhos de hoje. Fidalgos, nobres, titulares, todos emprestaram o melhor da sua alegria, às festas de renome que lá se realizaram. Mas tudo passa, tudo desaparece!...

Dessa velha sociedade, etiquetada de superficialissimas pragmáticas, com uma moral abstracta e singular, que lia sófregamente a «Dama das Camélias» e a «Mulher Adúltera», que soluçava perante o «Amor da Perdição» e «Paulo e Virgínia», que recitava, comovida, versos de Soares de Passos e de outros choramigas idênticos, que tinha pelo Amor um conceito divino e pela Honra uma feroz escravidão, mas que sustentava uma «Roda de Engeitados» — dessa sociedade só existe hoje uns escombros vagos, inconscios, a lembrar uma era e uma época bem distantes.

Das cinzas desse passado que não volta, desse ambiente antigo, vetusto, cheio de salamaleques e dandismos fúteis, em que a moral e a dignidade se acovardavam, infantilmente, atrás de títulos grotescos e de nobrezas avariadas, surgiu uma sociedade nova — cuja dignidade é o trabalho, e a moral a honradez — que deseja inculir nessa velha agremiação um novo ambiente, mais cordeal, mais intimo, aonde a mocidade de hoje conviva e se distraia da afadigada existência moderna.

A ideia sugerida, de fazer da Assembleia Vimeirense, antiga, uma Assembleia moderna, própria da actualidade, é o primeiro passo a contribuir para a sociedade citadina enfileirar dentro da civilização, donde anda, lamentavelmente, arredada.

As famílias vimeirense, ainda difficilmente divorciadas do feito arcaico do isolamento, fugindo ao convívio e amando na solidão do seu viver o passatempo favorito da má lingua, condenando os descendentes, plenos de mocidade, a esse vício tão nefasto, afastam-nos, assim, da sociabilidade que cultiva e instrue.

A nossa mulher é a principal vítima desse defeito. E' velha, dependurada nas janelas, como flores mimosas, calcijando os cotovéis pela posição que adquirem, olhando quem passa, com o mesmo olhar dum papagaio preso pela corrente ao poleiro, saído da liberdade. Quem evita que essa mocidade, acorrentada a mitos duma moral caótica, não possa divertir-se, gozar, passar bem a juventude tão efémera?

A moral! — dizem os papás. Mas que moral será essa, que sociedade tão criminosa será essa, que assim condena a envelhecer aos 20 anos?!

Não! Dê-m a mocidade o que lhe falta, não lhe neguem o ar livre que deseja, deixem-na cultivar e instruir pela vida comum, desportiva e socialmente. Desaparecerá assim este ar maléfico, conventual, hipócrita, que a sociedade vimeirense possui e que a afasta da civilização — dezenas de anos.

A moral da sociedade de hoje, é o grito de liberdade dos novos que desejam ser libertos das pragmáticas antigas que lhe proibiam e contrariavam o prazer de se divertir. Não nos apontem os males dessa pretendida liberdade. A vida de hoje é muito diferente da vida de há 50 anos. A mulher já freqüenta, em elevado número, os liceus e cursos superiores, caminha e faz as suas compras sózinha, é professora liceal, é médica, é empregada, procura fortalecer-se freqüentando os campos de Desporto conjuntamente com indivíduos de outro sexo, e tudo isto, que seria escandaloso há 50 anos, é perfeitamente normal nesta época e, não consta que revivessem as «Rodas de Engeitados», que é o estigma mais infame da moralidade desses tempos.

A. F. J.

Anunciai no «Notícias de Guimarães»

Ainda o aniversário do
«Notícias de Guimarães»

Temos continuado a receber muitas cartas de felicitações pela passagem do 3.º aniversário do «Notícias de Guimarães» dirigindo-nos alguns nossos amigos de varias localidades, palavras que nos deixam profundamente sensibilizados.

Alguns nossos assinantes do estrangeiro enviaram-nos também cartões de parabéns, insistindo-nos todos eles a proseguirmos nesta bem intencionada luta em prol da nossa Terra.

Varios colegas nossos referiram-se, também, à passagem do nosso aniversário em termos muito amáveis, que jamais poderemos esquecer.

A todos, pois, os nossos maiores agradecimentos.

Da Cidade

Incêndio — No passado domingo, às 19 horas manifestou-se incêndio no alpendre duma propriedade no lugar de Aldão de Baixo, freguesia de Mesão-Frio, pertencente ao sr. José Fernandes, proprietário, da mesma freguesia.

Os bombeiros compareceram prontamente e prestaram óptimos serviços, lutando embora com muita falta de água. Foram montadas duas agulhetas alimentadas por água de um poço existente no lugar.

O fogo destruiu o alpendre e consumiu algumas medas de palha, tendo-se ainda comunicado à casa do lavrador-caseiro Joaquim Novais.

Foram devoradas pelas chamas algumas pipas de vinho e grande quantidade de cereais.

— Ante-ontem à noite, manifestou-se incêndio numas medas de palha, na quinta da Maina, freguesia de Urgezes.

Pela políola — A P. S. P. capturou na freguesia de Urgezes, como supostos autores de roubos, António Joaquim, José dos Santos e Amadeu da Costa, moradores na rua P.º António Caldas.

Averiguou-se que estavam inocentes pelo que foram postos em liberdade.

— Jerónimo Lopes, do lugar da Feijoeira, queixou-se à Polícia contra António Abreu, por este lhe ter furtado uma hortaliça.

Bispo de Angra — No próximo dia 23 deve seguir para a sua diocese, acompanhado pelo seu secretário particular, rev. Francisco Fernandes da Silva, o sr. D. Guilherme da Cunha Guimarães.

Bispo de Portalegre — Esteve nesta cidade, de visita aos srs. directores do Internato Municipal, o sr. Bispo de Portalegre.

Pela Aviação — A C. A. da Câmara em sua penúltima sessão resolveu pedir ao sr. Presidente da República para que os arrojados aviadores Humberto da Cruz e António Lobato sejam promovidos ao posto imediato.

Vendedores de leite — O sr. administrador do concelho mandou publicar editais prevenindo as pessoas que se empregam na manipulação, transporte, distribuição e venda de leite e lactínios, que devem requerer o seu cartão de identidade, nos termos do decreto n.º 10.708, para o que deverão apresentar-se na administração do concelho, até ao dia 28 do corrente, fazendo-se acompanhar de duas fotografias.

Casa dos Pobres — Amanhã começa a ser fornecida a alimentação a cerca de 200 pobres por esta tão simpática instituição da nossa terra.

Contribuições — Na semana finda reuniram-se na Câmara Municipal, a convite da direcção da Associação Commercial, os comerciantes e industriais desta cidade, que procederam à eleição dos representantes das classes, para efeitos das contribuições.

Dr. Silva Leal — Tomou posse do lugar de Juiz de Direito desta comarca o ilustre Magistrado sr. dr. Pavão da Silva Leal, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Transgressão? — Chamam a nossa atenção para um estabelecimento que há pouco tempo abriu as suas portas na freguesia de S. Torcato, dizendo-nos os nossos informadores que «os géneros são ali vendidos a toda a hora».

Recomendamos a maior cautela, visto que tal abuso não é permitido.

Estrada da Corredoura — Vieram procurar-nos algumas pessoas da freguesia de S. Torcato para nos felicitarem pela campanha que neste jornal tem sido feita a propósito da maldada estrada da Corredoura a Castanheira e nos pedir continuemos a pugnar por aquele tão importante e desejado melhoramento.

Como o caso tem sido tratado, e muito bem, por um nosso ilustre colaborador e por habitantes da Corredoura e de S. Torcato, nomeadamente pelo nosso bom amigo sr. José Gomes, a eles endereçamos as felicitações que pessoalmente nos foram apresentadas.

Dr. Albino Bastos — Dá-nos hoje a honra de colaborar nestas colunas, escrevendo a «Carta do Brasil», o nosso ilustre compatriota, sr. dr. Albino Bastos, que sabemos ser um advogado distintíssimo no Rio de Janeiro.

Agradecemos a brilhante colaboração de s. ex.º e bem assim o penhorante cartão de apresentação que nos dirigiu.

Semana Galega — Por ocasião da «Semana Galega», que no Pôrto se vai realizar, em Abril próximo, devemos visitar esta cidade alguns intelectuais que serão festivamente recebidos.

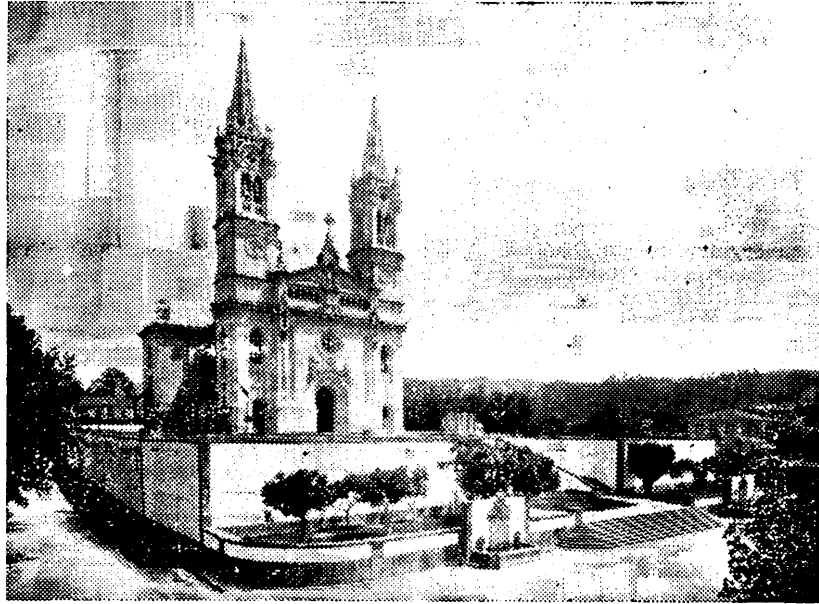
Horário de Trabalho — Pela Secção Administrativa da Câmara foi enviada a todos os regedores de freguesias a seguinte circular: Pelo decreto n.º 24.402, de 24 de Agosto de 1934, a autoridade administrativa é obrigada a prestar auxílio aos agentes de fiscalização do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, quando, munidos de

Grande Feira Franca e Festa Religiosa

EM S. TORCATO

No dia 27 de Fevereiro

No grandioso e aprazível Mosteiro de S. Torcato, incontestavelmente um dos mais visitados centros de romagem e Turismo, realiza-se no dia 27 de Fevereiro uma importantíssima Feira Franca de Gado bovino, e no majestoso templo grandiosas solenidades religiosas pela comemoração do aniversário do Martírio de S. Torcato, miraculoso orago da região, abrilhantadas pela reputada banda



S. Torcato

dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, que dará entrada no Mosteiro pelas 9 horas, onde, durante a tarde, executará num dos elegantes corêtos um escolhido programa.

A Comissã de Inicativa de S. Torcato, fundadora e organizadora d'êste certame, estabeleceu os seguintes prêmios para os melhores expositores de gado bovino:

- 1.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda, 100\$00; 2.º — Ao expositor da melhor junta de bois de engorda imediata, 60\$00; 3.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho, 80\$00; 4.º — Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho imediata, 60\$00; 5.º — Ao expositor da melhor junta de touros até 2 dentes, 50\$00;

Corridas de Gado cavalari :

- 6.º — Ao cavalo ou égua que mais correr com passo travado e com mais perfeição, 100\$00; 7.º — Ao cavalo ou égua que mais correr com passo travado imediato, 50\$00.

Notas — Os concorrentes aos prêmios de gado bovino e cavalari terão que dar entrada no local da feira até ao meio dia e inscreverem-se, até às 13 horas, na Pensão-Restaurante Central. — A distribuição dos prêmios ao gado bovino será conferida, pelo Júri, às 14 horas. — As corridas de gado cavalari começam às 15 horas e nenhum dos corredores poderá repetir a corrida. — Não é permitida a apelação para a decisão do Júri. — Todo e qualquer dos prêmios só será conferido desde que apareçam mais do que um concorrente. — A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (Guimarães), estabeleceu, a exemplo dos anos anteriores, combóios extraordinários a preços reduzidos. — Durante o dia haverá carreiras de camionetes entre Guimarães e S. Torcato, com serviço permanente.

Aviso importante — Leva-se ao conhecimento dos interessados que todos os combóios ascendentes e descendentes (excepto rápidos) têm paragem diária no apeadeiro de Aldão (S. Torcato), o que é de uma grande vantagem e comodidade para quem tem de vir a S. Torcato, que fica apenas distante daquêlpe apeadeiro meia légua. — O preço de cada bilhete, que são passados em trânsito da estação de Guimarães ao apeadeiro e vice-versa, é de \$90 centavos.

bilhete de identidade; devendo por isso os srs. regedores prestarem o auxilio a êsses agentes quando se lhes apresentem para fiscalizar o horário de trabalho, e bem assim aos agentes de fiscalização dos vinhos americanos.

Associação Commercial e Industrial — A Direcção desta colectividade pediu aos srs. industriais e comerciantes, a fim de satisfazer um pedido que lhe foi feito pela Direcção Geral do Comércio e Indústria, para que, no seu próprio interesse, enviem até ao dia 25 do corrente, os seus nomes e designadamente os artigos do fabrico, ou comércio, que destinem a exportação.

Vielas — Por deliberação camarária vem ser encerradas as vielas de S. Crispim e do Campo Santo Velho.

Dr. Guilhermino Rodrigues — Foi há dias colocado na situação de substituto, ate ser aposentado, êste nosso bom amigo que há muitos anos vinha desempenhando com invulgar competência e o maior zelo o lugar de Chefe da Secretaria Judicial desta comarca.

Sentindo o seu afastamento o «Noticias de Guimarães», apresenta-lhe os seus cumprimentos de muita consideração.

João Neto
Advogado

Residência: Av. M. Bombarde, 54 (Junta à Estação de C. F.)
Escritório: Esc. 116 (Junta ao Dr. José de Oliveira)

Telefone 55
Guimarães

Aniversários natalícios — Passou na quarta-feira o aniversário natalício da interessante menina Balbina de

Sã filhinha do nosso amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Menezes. A' interessante petiza e a seus pais os nossos parabéns.

— Completou na quinta-feira três risonhas primaveras a interessante menina Maria Izabel de Castro Garcia Martinho, filhinha do nosso prezado amigo sr. José da Silva Martinho, das Caldas das Taipas.

Pasteis folhados

Apresenta os seus todos os domingos

— A —
PENSÃO COMMERCIAL
TOURAL GUIMARÃIS

Sessão solene — Na Câmara Municipal desta cidade, realizou-se na passada quinta-feira, uma sessão solene de homenagem ao Chefe do Estado, promovida pela Comissão Concelhia da U. N.

O pequeno Salão Nobre encontrava-se cheio, ouvindo-se palmas no final dos discursos.

Teodoro Ficher — Na vizinha vila de Fafe, faleceu o antigo administrador da Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, Teodoro Ficher, súbdito alemão. Deixa viúva e um filho que reside actualmente em Hamburgo.

Diz-se que a sua morte se deveu a uma doença incurável, adquirida após uma viagem feita à Alemanha. O falecido visitava muitas vezes a nossa cidade e era muito estimado no nosso meio comercial.

Lê-de e propagai o «Noticias de Guimarães»

Do Concelho

S. Torcato, 15.

Diversas notícias

No pretérito domingo, foi muito frequentado o majestoso Templo por diversos visitantes.

— No domingo passado, procedentes da cidade de Guimarães, vieram de visita ao seu ilustre amigo, rev. Henrique Gonçalves Pereira, abade da dita freguesia, os nossos ilustres amigos srs. Francisco Ribeiro Martins da Costa, importante proprietário da Casa de Agra, e Alberto Pimenta Machado, importante industrial.

Os nossos cumprimentos.

— No domingo último, procedente da cidade do Pôrto, veio, acompanhado de sua esposa, de visita a seu ilustre tio, rev. Henrique Gonçalves Pereira, abade desta freguesia e a suas ex.ªªs tias, as sr.ªs D. Rosa Pereira e Cândida Pereira, o nosso estimado amigo Henriques da Silva Dantas.

Cumprimentos de boas vindas.

— A conclusão da gruta e ornamento majestoso do Templo de S. Torcato, lado Norte, está concluída.

Os artistas trabalham activamente, preparando a pedra para a construção de outra igual, lado Sul.

— A construção da capela da Água do do milagroso Santo, vai muito adelantada, devendo ficar concluída no dia do seu aniversário.

— Fômos informados de que em officio emanado da Comissão Administrativa de Junta da freguesia de Rendufe, a pedido do nosso ex.ºº amigo sr. Manuel Domingues Claro, foi solicitado à ex.ªª Comissã Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, que a estrada da Corredoura a Castanheira, Fafe, prossiga o antigo traçado, em direcção ao lugar das Quiútas. Fazemos sinceros votos para que ao bom povo destas quatro freguesias, se lhe não demore este óptimo melhoramento

S. Torcato, 16.

Calúnia — Postos de ensino — Crime grave, etc.

José Martins (o Flôr), de Gonça, servicial em Guimarães, queixou-se na Policia Civica, dessa cidade, contra José Fernandes (o Freguesia), do lugar da Corredoura, desta freguesia, arguindo-o de ter assaltado à mão armada e roubado uma corrente de ouro, em Centiaes, Gonça, noticia publicada em 31 de Janeiro, fudo, em «O Primeiro de Janeiro».

Desmentimos, categoricamente, tal calúnia, que foi aventada pelo (Flôr), que tem a mania, quando passa naquelle local, bradar que o roubam.

O Fernandes é criatura honesta, honrada e digna de toda a nossa consideração, vivendo com sua mãe, irmãos e irmãs, exclusivamente da sua industria de sapateiro, como poderá, se preciso for, prová-lo perante a ex.ªª autoridade, com o público em geral.

— Pelo nosso ex.ºº amigo sr. A. L. de Carvalho, digno Vereador do Plouro da Instrução Publica, foi solicitado do ex.ºº sr. Ministro da Instrução a criação de três postos de ensino, respectivamente, em Corredoura, Rendufe e Gominhães, e foram indicados como regentes, pela mesma ordem, os srs. António da Silva Leite, José Cardoso de Sousa e Eliso Pereira da Silva.

— Domingos Vieira (o Pita), casado lavrador-caseiro, morador no lugar de Vilarinho, freguesia de Gonça, praticou um crime grave numa menor de 13 an.ªs, de nome Emilia Pereira, filha de António Joaquim, do lugar de S. Miguel, desta freguesia.

Foi apresentada queixa em juízo.

— O nosso amigo, sr. Manuel da Silva Leite, commerciante em S. Torcato (Corredoura), foi eleito e já tomou posse do cargo de presidente da Associação dos Avededores de Vinho a Retalho do Concelho de Guimarães.

Fazemos votos para que seja muito feliz.

Rampal.

N. R. — Nos nossos últimos números a correspondência do nosso correspondente safu apenas com a inicial C, tendo sido omitido, por lapso, o pseudónimo Rampal.

ENFERMEIRO

Enfermeiro diplomado, com mais de 20 anos de serviço nos hospitais militares, faz todos os tratamentos de enfermagem, curativos, injecções, fricções, por preços convidativos.

Morador — Rua Gravador Molarinho, 9

CASA

Vende-se uma, em bom estado e bem situada.

Informa-se na redacção d'êste jornal.

Exumações do Passado

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Duques

O segundo casamento de D. Jaime

Asseveram alguns escriptores que êste duque, depois de cometerem estado dum importuno furúnculo que lhe nasceria numa coxa logo em seguida à conquista da praça de Azamor, e que o impedira de andar a cavallo, e tendo descansado algum tempo dessas lides guerreiras, quisera tornar para a Africa. Porém, o rei opôs-se enérgicamente a êsse intento e desejando manifestar-lhe melhor a sua indelevel gratidão tentou consorciá-lo segunda vez com a filha do marquês de Vila Real e conde de Alcoutim e Valença, a formosa e erudita D. Leonor de Noronha, de 27 anos, que tão notável se tornou nas letras sob a egide do conspicio antiquário André de Resende, ao lado da distinta poetiza ilustre calipolena Publica Hortencia de Castro, das irmãs Sigêas e de outras celebridades femininas como Paula Vicencia, filha de Gil Vicente, de D. Branca Bezerra, etc.

O duque, se bem que soubesse dos compromissos que o rei havia tomado com os pais daquela dama, não aceitou o casamento, pois resolvera realizar um outro exclusivamente à sua vontade, visto estar intimamente convencido da indignidade da primeira esposa D. Leonor de Gusmão que surpreendera quasi em flagrante delicto de adultério com o pagem António Alcoforado, aos quais dera morte violenta.

De aí o motivo por que procurou outra consorte que fôsse da sua afeição e escolha directa.

Apesar de fazer penitencia todos os dias por causa do acto de desafronta que cometera — segundo era a tradição local com recio das penas da eternidade — nunca se lhe varreram do espirito as suspeitas da conduta da mulher.

Existia no paço régio, em Lisboa, que êle frequentava com bastante assiduidade uma formosa dama, que fóra aia das rainhas D. Leonor e D. Maria, esposas successivas de D. Manuel, a qual se chamava D. Joana de Mendonça. Seus pais não tinham pergaminhos heraldicos. Seu pai era cavaleiro fidalgo, com 2\$100 réis de moradia, alcaide-mór de Mourão e fóra anel de bêsteiros e sua mãe era filha bastarda de um «fidalgote», Ferrão Soares de Albergaria e de uma rapariga beirão, Maria Gonçalves, natural de Alfacelha, perto de Viseu. O pai chamava-se Diogo de Mendonça e a mãe Brites Soares. Todavia Damião de Góis diz que os Mendonças descendem de D. Urraca, de Castela e que portanto ela era neta de Afonso Furtado e de sua segunda mulher D. Beatriz Veragata ou Villoragat que serviu como dama de honor a Leonor esposa do infante D. Pedro, D. Isabel.

Teve D. Joana cinco irmãs, três que seguindo a vida religiosa, professaram em vários conventos, tendo uma delas sido abadessa do convento de Santafiora de Coimbra, uma que casou com Jorge de Melo, menteiro-mór e outra com D. João Manuel de Vilhena. Seus irmãos foram: Pedro de Mendonça, 2.º alcaide-mór de Mourão que casou com D. Teresa de Lima, filha de D. Alvaro de Lima, António de Mendonça, o «mortelo» e Cristóvão de Mendonça, capitão de Ormuz que casou com D. Maria de Vilhena. Mas prossigamos.

D. Joana era inteligente e muito instruída.

Cultivava com grande afeição a poesia e por tal motivo tornou-se uma das donzelas mais requestada nos serões da corte portuguesa, nos paços de Almeirim e da Ribeira, por muitos fidalgos e notáveis vates dessa época que os frequentavam. «Era um desses temperamentos activos e resistentes que parecem feitos para dominar e estimular os outros, guardando e difundindo uma forte autonomia de movimentos, o tesouro da sua efectividade sexual, como a espera de ignota existência a quem o abram e entreguem por uma vez intacto e opulento. (1)

Alegre, viva, prazenteira, desenholt e folgasa, ria e motejava dos seus muitos admiradores sem todavia render-se aos seus galanteios. «Dama de fular-se, lhe chamavam no paço.

Sempre alheia aos louvores dos seus galanteadores sem macular a sua reputação por nunca lhes dar ouvidos, gosou sempre de uma certa preponderancia moral entre as outras damas do paço, onde disfrutava de muitas simpatias e um certo culto de admiração num pleno triunfo. «Quer nas sortes venturieras, quer nos jogos de cartas nos serões, quer noutros muitos divertimentos, mantinha-se sempre prestigiosa e dominadora. Voltava ela então no bulício da corte como uma mariposa, mas sem deixar queimar as asas (?). Foi ali que D. Jaime a conheceu e simpatizou com ela. O 4.º duque de Bragança e 2.º de Guimarães, apreciando-lhe bem de perto os dotes que a distinguiam e reconhecendo-lhe bastante honestidade e um certo pundonor no seu porte começou a sentir-se dominado pela afeição. E por isso não perdia occasião de vez em quando lha manifestar, mas por forma menos exteriorizada do que os demais cortezaões ou palacianos.

Não obstante a grande desigualdade de estirpe e de idades que os separava, D. Joana não deixou de corresponder-lhe às inúmeras gentilezas com uma inteligente discreção, muito digna de apreço.

Contam os documentos antigos, a propósito, um facto bem demonstrativo da verdadeira simpatia que o duque de Bragança lhe dedicava, a qual representava um profundo e enternecido affecto. Eis o caso. D. Joana, certa occasião,

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

confiara a uma criada do paço, com quem convivía mais de perto, uma valiosa peça de porcelana que muito estimava. A serva foi, porém, infeliz porque, descuidando-se, quebrou-a. Irritada ficou D. Joana com tal desastre e dominada pela indignação, além de a re-prender ásperamente, disse-lhe num violento desabafo que lhe havia de entregar a peça inteira ou um lobo vivo. Atrapalhadíssima ficou a criada com tal exigência e foi muito aflita contar o sucedido ao duque, solicitando-lhe ao mesmo tempo a sua intercessão. Este ouvindo-a atenciosamente, viu logo com júbilo que se lhe deparava um excelente ensejo de manifestar a sua muita afeição a D. Joana. Aconselhando resignação à queixosa, retirou-se. Decorreram poucos dias e a criada, apresentando-se a D. Joana, entrega-lhe um autêntico e verdadeiro lobinho que o duque lhe enviara da sua Tapada, «onde, com grande diligência, foi tomado por seus monteiros e haver muitos nela». D. Joana folgou muito com o presente.

Ele contava então 42 anos e ela metade dessa idade. Ele rico e poderoso, e ela pobre, mas de uma inconcussa reputação de honestidade. Em 1520 efectuou-se o casamento em Torres Vedras, no palácio do duque. «Casamento este realizado» — conforme o mesmo duque diz em seu testamento — «pelo contentamento que tinha dela e não olhando a fazer contrato nem para seu proveito nem meu».

Na verdade, não houve pragmáticas, não se fizeram escrituras ante-nupcias, nem tão pouco se cuidou de outros actos preliminares de etiqueta usados naquele tempo, para estes actos. Foi um matrimónio de amizade, revestido de certa intimidade, e sem exibicionismos e por consequência despidido de preconceitos de pompas e dos exageros do luxo e da indumentaria.

«Prouvera a Deus» — diz D. Jaime a D. Manuel seu tio, quando foi visitar este na doença que o vitimou — «que achara eu outra para meu filho, em camisa e sem dote nenhum, ainda que meu filho fôsse imperador».

Doze anos durou este feliz consórcio, pois em 20 de Setembro de 1532, faleceu D. Jaime com 54 anos de idade, tendo deixado abundante prole.

D. Joana de Mendonça era prima de D. Ana de Mendonça, filha de Jorge Furtado de Mendonça, que dos seus amores com o príncipe D. João, depois rei segundo do nome, tivera a D. Jorge, nascido em 21 de Agosto em 1481, em Abrantes e a quem seu pai — pela morte desastrosa do seu primogénito legítimo herdeiro do trono — quizera nomear seu sucessor para o que impetrara bula de inocência VII que lhe não concedeu.

D. Jorge que foi Mestre de Aviz e S.

Tiago, duque de Coimbra, marquês e Senhor de Montemor e de Torres Novas casou com D. Brites de Vilhena filha de D. Alvaro de Portugal, irmão do 3.º duque de Bragança, D. Fernando II, a quem o rei D. João II mandara prender e degolar na praça do «Geraldo», em Evora.

Caprichos da sorte! A sobrinha do justicado casa com o filho do juiz, seu verdugo.

D. Jorge faleceu, em 1551, em Palmela e foi sepultado na igreja do convento da ordem da mesma vila num mausoléu profanado em 1859. Sua mãe, D. Ana de Mendonça, foi comendadeira de Santos.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

(Continua.)

(1) Luciano Cordeiro — «A Segunda Duquesa»

(2) Idem, Idem.

CARREIRAS DE CAMINHETAS

João Carlos Soares, proprietário de três luxuosas caminhetas, participa que continua a fazer, semanalmente, às sextas-feiras, a carreira entre Guimarães e Póvoa de Varzim e, às terças e quartas-feiras, respectivamente, para Braga e Fafe, e para todas as romarias. Alugam-se caminhetas.

Escritório: **BRAGA & CARVALHO**

Praça D. Afonso Henriques

GUIMARÃIS

Dos Livros. Dos Jornais.

«Dominó»

Continua a publicar-se regularmente aos sábados, este interessante semanário ilustrado de actualidades e espectáculos, dirigido pelo distinto jornalista Dr. Lutz de Oliveira Guimarães.

O seu magnífico aspecto gráfico e a sua valiosa colaboração, sempre palpitante e alegre, torna o «Dominó» um semanário sugestivo e apreciado pelo público.

As suas secções de teatro, cinema, elegâncias, desportos, literatura, música, toiros, T. S. F., circo, dança, etc., são bem cuidadas e todas elas cheias de oportunidade.

«Dominó» é o semanário mais barato: 1 escudo avulso, e por assinatura: série de 13 números, 12 escudos. A administração é na C. do Lavra, 6 — Lisboa, e a edição e propriedade é da conhecida revista o «Volante».

Agradecemos a visita e desejamos ao novo colega as maiores prosperidades.

Tinturaria Portuguesa

Rua de S. Dâmaso, 72-74
GUIMARÃIS

Passa-se este acreditado estabelecimento em virtude do seu proprietário se ter de ausentar.

O actual proprietário encarrega-se de habilitar a pessoa que pretenda trabalhar neste serviço.

Anuncia no «Notícias de Guimarães».

Misericórdia de Guimarães

Hospital Geral de Santo António

Movimento hospitalar no mês de Dezembro de 1934:

Consultas no Banco, 434.
Receitas abonadas a doentes externos, 228.
Parturientes recolhidas, 11.
Crianças nascidas, 11, sendo 10 do sexo masculino e 1 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Novembro de 1934, 81.
Doentes entrados durante o mês, 87.
Doentes saídos:
Curados, 60.
Melhorados, 31.
No mesmo estado, 7.
Falecidos, 4.
Ficaram existindo no último dia de Dezembro, 66.
No balneário foram dados 196 banhos.
Operações de grande e pequena cirurgia, 57.
Curativos feitos no Banco, 2 013.
Injecções aplicadas, 931.
Aplicações eléctricas, 551.

Hospital António Francisco Guimarães, em Vizela

Consultas no Banco, 13.
Doentes existentes no último dia do mês de Novembro de 1934, 21.
Doentes entrados durante o mês, 3.
Doentes saídos:
Curados, 3.
No mesmo estado, 2.
Falecidos 1.
Ficaram existindo no último dia de Dezembro, 18.
Curativos feitos no Banco, 119.
Injecções aplicadas, 38.

O melhor Café é o d' A BRAZILEIRA

Aos Industriais

FIO EM SIZAL E LINHO
para embalagens

PREÇOS vantajosos

Nesta Redacção se informa.

FOTO-ELÉCTRICA MODERNA
DE

Domingos Alves Machado

SÊDE: Avenida Cândido Reis

FILIAL: Rua de S. Dâmaso

Neste atelier, que actualmente expõe os arquivos de extintas fotografias na Sêde de Turismo, executam-se todos os trabalhos com a máxima perfeição e bom gosto.

ARTE! BELEZA! NITIDEZ!

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO,
ÓLEO DE MENDABI E ENXOFRES;
ÁCIDO SULFÚRICO, GLOBETOS LINHAGENS PARA SACOS
E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual é sub-agente nesta cidade a firma

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.ª

Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção destes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito
— Magestic — Idem >
— Bintje — Holandesa >
etc.

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e garante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Jornal defensor dos interesses do Concelho. PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Expediente e Arquivos: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.º Sr.